Religare, ISSN: 19826605, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 393-402.

Resenha

SILVEIRA, Emerson Sena da; MORAES, Manoel Ribeiro de. *A dimensão teórica dos Estudos da Religião:* Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião. São Paulo: Fonte Editorial, 2017, 158 p.

Elenilson Delmiro dos Santos[1]

Emerson Sena da Silveira, doutor em Ciências da Religião e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com Manoel Ribeiro de Moraes, também doutor em Ciências da Religião, desenvolvem, a partir do livro *A dimensão teórica dos Estudos da Religião: Horizontes histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião,* uma reflexão de grande abrangência e de fundamental importância para o campo das ciências da religião.

Fazendo uso de uma linguagem erudita, intensificada por uma criativa investigação teórica, que tem como objetivo colocar em evidência as estruturas das revoluções do conhecimento, cujo enfoque nos permite uma associação de conceitos, bem como uma análise sistemática de diferentes tradições intelectuais, o livro de Silveira e Moraes é, de fato, um balanço significativo e detalhado sobre os estudos da religião. Intenso e com o rigor que a academia exige. Os recortes feitos, naquilo que nos interessa, dão conta das próprias raízes históricas do processo de construção do conhecimento, em particular das ciências balizadas pela visão dita moderna.

No bojo das elaborações teóricas feitas, problemas e soluções são apresentados como implicações paradigmáticas necessárias para área das ciências da religião. E não poderia ser diferente. Afinal, desde Friedrich Max Müller (1823-1900), entendido por muitos como um dos fundadores das ciências

[1] Mestre e doutorando em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: elenilsondelmiro@gmail.com

da religião, esta área se vê implicada sob questões relativas às suas teorias (estatuto epistemológico), aos seus métodos e a sua autonomia. Sua própria nomenclatura também se constitui como uma questão à parte, se no plural ou no singular. Assim, o texto retoma essas inquietações, presentes constantemente nas produções relativas a este campo do conhecimento.

Portanto, a obra põe em evidência que a problemática que envolve as ciências da religião não é pequena. A exemplo disso, temos a multiplicidade de disciplinas que compõe este campo, necessária para os estudos da religião, sob aspectos específicos, que, ao mesmo tempo, são importantes e conflituosos, pois esta mesma multiplicidade, alerta, também, para a complexidade da área. Nesta direção, mesmo cientes que as contribuições feitas por outros estudos foram significativas, ainda assim, os autores entendem que o dilema das ciências da religião não foi resolvido de modo definitivo, ao contrário. Por isso, através da leitura do texto somos convencidos que o debate deve continuar, de modo especial, fomentando novos campos de discussão. Por esta razão, não podemos deixar de classificar a obra como um projeto positivamente ambicioso.

Logo nas páginas introdutórias, os autores não se furtam da necessidade de enfatizar a especificidade da obra em questão, no caso, de ser "uma reflexão e uma busca" (SILVEIRA; MORAES, 2017, p. 11). Pode-se dizer que a reflexão a que se propõem passa pelo resgate das discussões históricas que envolvem as epistemologias e metodologias que sustentam a discussão teórico-conceitual das ciências da religião. Ao mesmo tempo, a noção de busca, tem haver com a propositura de novas metodologias para este campo, que ajudem em sua dimensão teórica e empírica. Afinal, embora no universo acadêmico este campo, hoje, se mostre consolidado junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, como área 44 (Ciências da Religião e Teologia), ainda, assim, se faz necessário uma constante atualização e reflexão de sua temática epistemológica, haja vista que o campo segue em crescimento.

Ainda na introdução, Silveira e Moraes partem do princípio de que a teoria é a forma primeira na qual a filosofia e as demais ciências acontecem, e que estas

evoluem com o tempo, de modo a afetar todo um sistema teórico-reflexivo. Os autores aprofundam a questão discutindo suas polissemias, bem como suas distintas formas de abordagens, mas sem perder de vista o que para nós é essencial: os estudos da religião. Trata-se, em primeiro lugar, de perceber a presença da religião à luz da ação humana, como resultado de uma experiência cognitiva, por isso mesmo, como uma teoria expressa por meio de uma linguagem específica. Em segundo lugar, de reconhecer a relevância e a pertinência das ciências da religião, da mesma forma, como resultado dessa linguagem.

Nesse sentido, o livro se apresenta dividido em três partes (*Parte I. A religião no horizonte histórico da razão teórica; Parte II. Os estudos da religião e os desafios da racionalidade contemporânea; Parte III. O futuro da(s) ciência(s) da religião*), sendo quatro capítulos na primeira, quatro na segunda parte e, por último, um capítulo na terceira. Em seu primeiro capítulo, *A Religião Metafísica como Paradigma de Pensamento*, os autores discutem os paradigmas que ajudaram a definir os estudos das religiões, enquanto objeto, de forma a abrigar sobre estes estudos a possibilidade de inúmeras discussões a partir de diferentes autores e teorias. Para tanto, ao buscarem esclarecer os contornos que desde a antiguidade ajudaram a definir os estudos da religião, procuram pontuar a diferença existente, desde o seu nascer, entre o discurso poético da religião e o discurso teórico da religião. Desenvolvendo uma discussão sobre suas diferenças, não tardaram a concluir que o caráter mitológico, imaginário e misterioso das religiões (linguagem poética), tão logo se encontraram submetidas aos fundamentos das explicações racionais (discurso teórico).

No segundo capítulo, *A Religião como Objeto do Pensamento Teórico*, Silveira e Morais, de forma notável, discorrem sobre a maneira como o mundo moderno ocidental – com sua nova razão teórica, que se pretendeu reformadora e revolucionária – atacou e pôs em estado de subordinação os dogmas teóricos, até então inquestionáveis, da religião. Fazendo uso de filósofos como René Descartes e Immanuel Kant, mostram como a nova visão antropocêntrica conferiu a

modernidade ocidental novos valores culturais e intelectuais. O uso da razão, em seu sentido prático, inaugurou, portanto, um horizonte cujas luzes do saber não mais eram refletidas pela lógica epistemológica e transcendente da religião e da teologia, e sim pelas novas ciências da natureza que ajudaram a promover uma nova auto-compreensão do homem. Nessa nova perspectiva, citando as obras de Kant, lembram que a própria teologia e a religião se tornaram dimensões a serem "orientadas e analisadas pelo e sob o crivo da razão humana" (p. 30).

A noção hegeliana, logo de início no capítulo terceiro, que trata da *Religião, Subjetividade, Sociedade e História*, é aplicada como uma forma de contrapor a filosofia de Kant, e também de Fichte. Para Hegel, no dizer de Silveira e Morais, esses filósofos reduziram a filosofia transcendental para uma simples fundamentação da subjetividade, sem antes tematizar a sua anterioridade, quando na verdade, diferente de Kant, "Hegel entendeu que a consciência não é uma experiência autonomamente isolada, mas sempre situada em uma totalidade" (p. 33). Nesse caso, o texto nos leva a conferir que a resposta de Hegel vai além de um simples inatismo ou empirismo. Preocupado em distinguir uma simples opinião, que muda em cada tempo, da verdade, que se revela intemporal, demonstra que aquilo que há de mais determinante na razão é a sua historicidade.

Neste capítulo, então, como se pode perceber, o debate filosófico ocupa um lugar de destaque. Prova disso, é a discussão que os autores seguem colocando em pauta, no que diz respeito à relação entre a filosofia e a religião. Filósofos como Ludwig Feuerbach e Karl Marx são resgatados como pensadores que propõem outras alternativas, em relação ao pensamento hegeliano. Crítico a religião, a teologia e a própria filosofia especulativa, Feuerbach é apresentado como portador de uma teoria que reduz o fundamento da teologia ao próprio homem, ou seja, uma teologia antropológica. Marx, por sua vez, segundo os autores, reconhece o valor da política emancipatória do homem elaborada por Feuerbach, porém, não deixa de esboçar a necessidade de preencher algumas lacunas deixadas no pensamento feuerbachiano. "Marx entendeu que o

materialismo inaugurado por Feuerbach é desenvolvido somente sob um ponto de vista da constituição subjetiva das ideias e da religião – e não a partir de uma compreensão mais alargada da práxis humana".

A fim de facilitar a compreensão da leitura do capítulo anterior, no capítulo quarto, *Para Além de um Conceito de Objeto para os Estudos da Religião*, por meio da apropriação dos conceitos filosóficos de Karl Marx e sociológico de Max Weber, entre outros, é construída, neste momento, uma profunda compreensão teórica da religião. Percorrendo historicamente as manifestações religiosas através das expressões humanas e mencionando períodos culturais como os da antiguidade cristã e da modernidade, sempre estabelecendo conexões com as tipologias conceituais de diferentes autores, e na perspectiva do seu próprio objeto de estudo, não se eximem em dizer que a religião sempre se fez autorreferenciada a partir de duas correlações básicas: como parte integrante dos saberes científicos e de sua relação subjetiva com o homem.

> Mesmo ciente do falibilismo teórico, as expressões do sagrado são tão intensas quanto aquelas que emergem das artes ou de outras expressões socioculturais. Ademais, seus estudos são igualmente fundamentais para se compreender os universos humanos. [...]. Desse modo, elas tratam de revelar o ser humano e suas diversas práticas e manifestações (SILVEIRA; MORAES, 2017, p. 39-40).

No capítulo quinto, que inicia a segunda parte do livro, intitulado *Razão e Ciência no Horizonte da Modernidade e da Contemporaneidade*, Silveira e Moraes chamam atenção para o uso de três palavras que se encontram em alta: razão, ciência e modernidade. Não obstante, ganha destaque a palavra ciência que, conforme indica os autores, por causa dela, revoluções e reviravoltas teóricas, em distintos momentos da história, se tornaram sua essência. Sob a insígnia de uma filosofia da ciência, proporcionam ao nosso entendimento que a ciência (as empíricas), balizadas pela razão humana, tem se estruturado sob uma nova relação com o seu objeto de estudo. Mencionando o *Círculo de Viena*, que regidos por um programa empirista ou positivista, indicam que a verificação, para os que

compõem este círculo, se torna uma condição necessária para averiguar a veracidade dos enunciados. E não para por aí.

Dialogando com um filósofo pouco citado em nosso ciclo acadêmico, Paul Feyerabend (1924-1994), e seu anarquismo humanista e epistemológico, Silveira e Moraes, tomando como referência a obra *Contra o Método* deste autor, se concentram nos argumentos feyerabandianos que consistem em valorizar, de forma pluralista, o desenvolvimento humano e a liberdade individual contra uma ciência estática e restritiva, que tende a trazer prejuízos para a própria ciência. O capítulo, em grande parte, se concentra nos argumentos deste filósofo, mas, nem por isso deixa de confrontá-lo com o pensamento de outros autores, como é o caso, em especial, do racionalismo crítico de Karl Popper. Em função disso, o presente momento do texto, torna-se palco de uma batalha de argumentos e contra-argumentos para estes dois filósofos. Os autores nos oferecem uma amostra a respeito.

> Popper acredita que a ciência aparece como uma espécie evoluída de saber, que deve ser depurada constantemente de elementos dogmáticos ou de qualquer outro que não se insira no processo crítico do "falsificacionismo" corroborativo, sendo, portanto, um dispositivo capaz de selecionar as melhores teorias ou de aperfeiçoar as vigentes. Já para Paul Feyerabend, tal atitude deve ser tomada como rígida, unidimensional, pois não percebe a multiformidade que a ciência pode assumir (SILVEIRA; MORAES, 2017, p. 54).

Posteriormente, no capítulo sexto, será tratado, de modo detido, dos *Aspectos Gerais de uma Teoria Social da Linguagem*. Para alcançarem seus objetivos neste momento do trabalho, no caso, de "que toda agregação humana é fundamentalmente sócio-culturalmente linguística" (p. 71), os autores recuperam um dos autores de grande relevância no campo do estudo linguístico, Jürgen Habermas. A partir do núcleo central do pensamento habermasiano, as categorias "linguagem" e, principalmente, do "agir comunicativo", mostram como este último é fundamental no sentido de tornar o uso da razão menos

transcendental e, ao mesmo tempo, mais próximo da vida cotidiana. Assim, a partir da leitura do texto, Silveira e Moraes chegam ao entendimento que o agir comunicativo se constitui em um instrumento de análise valioso, posto que ele perpassa as ações dos sujeitos em suas dimensões coletivas, culturais e subjetivas. O que confere a possibilidade de uma nova lógica de pesquisa para as ciências.

Na *Dimensão Teórica da(s) Ciência(s) da Religião*, capítulo sete, os autores trazem a baila uma discussão de fundamental importância para este campo. Eivada a partir de um período em que a teologia exclusiva da Igreja se viu diluída, em seu sentido dogmático, frente às novas alternativas teóricas antropocêntricas da modernidade, os estudos da religião, conforme as reflexões desenvolvidas neste momento do livro, começaram a ganhar atenção por parte dos filósofos e teólogos. Com isso, um estatuto teórico e epistemológico próprio, em grande parte, a partir dessa nova etapa investigativa, começou a ser elaborada para os estudos da religião. Deste modo, impulsionada por uma razão que começou a se fazer autônoma, as novas bases intelectuais se lançaram na busca de uma sistemática para se repensar a religião, bem como o próprio sagrado. Isso porque, no caso da religião, argumentam os autores, ela "ganhou *Status* de realidade antropológica, pois dela pode-se originar experiências e signos os quais se mostram em uma esfera própria de expressão cultural" (p. 75).

Nesta direção, os autores expõem um importante *corpus* literário por entenderem que durante muito tempo a cientificidade dos estudos da religião se ancoraram sobre eles. Citando, de início, Rudolf Otto e passando, ainda, por nomes como Max Scheler, Mircea Eliade, Paul Tillich (figura singular no qual se debruçam com mais atenção e detalhamento), Paul Ricouer, Max Horkheimer, além de outros, Sena e Moraes tecem valiosos comentários sobre seus estudos, isso, tendo por premissa proceder uma análise sobre o panorama autoral e as principais abordagens conceituais que dão forma a estrutura teórica das ciências da religião. Através destes teóricos clássicos, Silveira e Moraes entendem que outros campos dos saberes e seus horizontes epistemológicos, entre os quais a

teologia, tornaram-se aliadas nos estudos da humanidade e, ainda mais, nos estudos da religião.

Contudo, em tom provocativo ao que se refere ao inacabado estatuto epistemológico das ciências da religião, ressaltam que mesmo que os estudos da religião não abram mão da significância teórica desses estudiosos, "as Ciências da Religião caminham enfocando e buscando um entendimento teórico sobre a existência da religião na constituição e dinâmica da personalidade, da cultura e das possíveis formas de convívio e de expressão intersubjetiva no presente e na esteira histórica" (p. 83).

No capítulo oitavo, *A(s) Ciência(s) da Religião e as Metodologias*, os autores iniciam este momento abordando, de forma breve, algumas ideias mostradas anteriormente no livro. Dá-se, então, um resgate da história da implantação dos cursos de Ciências da Religião no Brasil, tanto em nível de pós-graduação quanto de graduação, e de como esses se encontram hoje, em termos quantitativos. Feito isso, partem para o debate metodológico nas ciências da religião. Para fomentar a análise os referidos autores focam no pensamento de Filoramo e Prandi (1999) no qual sugerem que nas ciências da religião não existe um procedimento metodológico único.

> Isso, porque, entre outras questões, esse campo de estudos e ciência ainda se debatem com dois eixos: o jogo terminológico no singular e no plural: ciência/ciências e religião/religiões e a oscilação entre a totalidade da cultura ou a totalidade do valor-sentido sobrenatural como fundamentos a partir dos quais o edifício do saber sobre o religioso será construído (SILVEIRA; MORAES, 2017, p. 90).

Apropriando-se dessa questão como sendo de grande relevância, avançam dizendo que entre os pesquisadores brasileiros das ciências da religião não existiu um debruçar, com mais atenção, sobre as discussões metodológicas da área. Ainda assim, não deixam de destacar as reflexões feitas por alguns autores. Seguindo essa reflexão mais restrita sobre o campo metodológico e seus autores,

chegam a uma pergunta bem mais abrangente. "De que metodologia precisamos para compreender o religioso e a religião na realidade social?" (SILVEIRA;MORAES, 2017, p. 92). Isso, porém, não é o único problema. Ao fazerem o questionamento sobre o caso de ter que problematizarmos não apenas a religião, mas o próprio sujeito que a investiga, amplia-se a questão sobre qual metodologia utilizar, no sentido de ter que dar conta dessas duas demandas. E não param por aí com as interrogativas.

Outra questão é a falta de interesse do defensor de uma crítica pelo uso de outra. Problema ainda maior percebem na relação pesquisador/religioso e religioso. Neste caso, ao tratarem da *Fenomenologia da Religião: presenças e ausências*, no tópico 8.1, recorrem, num dado momento, a Flávio Pierucci para fazerem alguns apontamentos. Em seguida, seguem com outras análises a repeito.

Nas *Implicações metodológicas: três tendências na(s) Ciência(s) da Religião*, tópico 8.2, mostram como as metodologias e as teorias se agrupam no campo das ciências da religião. Uma das coisas com a qual se preocupam, e nela se estendem, é que existe no desenvolver dessas três tendências, a construção de diferentes tipologias que podem se identificar uma com as outras, ou não, na tarefa de enriquecer o conhecimento acerca da religião. Neste caso, o fio condutor que serve para alimentar a investigação metodológica nas ciências da religião é preenchido por um grande volume de conceitos e interpretações advindo de diferentes campos. Em comum, o interesse investigativo pelas religiões. Como resultado, Silveira e Moraes observam que toda essa dinamicidade e empreendimento de diferentes interpretações entre teorias e metodologias podem nos conduzir a um problema circunstancial no âmbito das ciências da religião, a redução operada na dimensão do sagrado, da religião e da espiritualidade. E assim se encontra as ciências da religião, diante de um quadro teórico e, principalmente, metodológico tecido por muitas tramas.

Entrando na terceira, e última, parte do livro composto de um capítulo (9), apenas, *O Futuro da(s) Ciência(s) da Religião*, cujo título já deixa em evidência seu

caráter propositivo, Silveira e Moraes elaboram uma proposta, focada em três agendas, para o futuro das ciências da religião. Consiste nesta, uma reflexão que passa pelo problema do método, do protagonismo e das percepções das novas fenomenologias. No decorrer do texto, seguem reforçando a necessidade de estabelecer uma conexão entre as ciências da religião com algumas linhas de pensamento que possam "ajudar a ciência da religião a construir uma trajetória aberta, arejada e equilibrada" (SILVEIRA;MORAES, 2017, p. 124). Tomando como ponto de análise a perspectiva de autores contemporâneos como Clifford Geertz (1998) e Bruno Latour (1994), por exemplo, assumem que na modernidade se encontra em curso novas analogias para se abordar o religioso.

Por fim, encerram o livro identificando alguns problemas que se fazem no campo das ciências da religião. Em relação à postura assumida pelas instituições, e como elas determinam a estrutura do campo, compreende-se que dentro delas atravessam diferentes movimentos, de "volta para dentro" e de "voltar-se para fora". Além disso, identificam, ainda, a existência de uma chamada "guerras das ciências", travada entre os teóricos realistas e metafísicos, de um lado, e entre os relativistas e construtivistas, do outro. De acordo com Silveira e Moraes esses embates trazem implicações diretas para a agenda de investigação das ciências da religião. Em último, e não menos importante, é a tensão que persiste entre as duas proposituras básicas para a ciência da religião. A defendida por Hock (2010) e a outra defendida por Greschat (2005). Para os autores, porém, uma metodologia baseada no politeísmo talvez seja para as ciências das religiões, visando aberturas para caminhos científicos possíveis, uma proposta mais salutar.